

MÚSICA

"ARS NOVA"

Tive oportunidade, ao microfone da PRA-2, quando essa emissora promoveu, segunda-feira última no auditório do Ministério da Educação, o concerto com que se apresentou ao nosso público o grupo paulista "Ars Nova", de dar o meu testemunho de momento sobre formas de artes polifônicas onde, a meu ver, o interesse atual sobreleva o histórico. Qual o sentido profundo da história, senão o de fazer transplantar para o presente experiências bem sucedidas no passado? Diga-se então que é grande o interesse histórico do repertório de música antiga do "Ars Nova"; mas, afastada qualquer atitude de erudito, na própria medida em que essa música se afirma plena de vitalidade, de sugestões fecundas, como de fato acontece. Quanto mais vivo, mais do nosso tempo fôr um compositor, mais ele se prenderá à energia expressiva que deflagram, não raro, essas formas polifônicas, aparentemente peremptas. Não é em vão que o repertório do "Ars Nova" alinha obras da recuada antiguidade e obras contemporâneas. Os dois extremos se devem tocar, e não se vê de fato saída mais ampla para o impasse da criação estética do nosso tempo do que a libertação rítmica da música, alcançada em tantos exemplos modernos, e o franqueamento das escalas impostas pelo molde de dó maior. Naquela largo sentido em que o conhecimento histórico se torna força motriz criadora, a música anterior a Bach constitui base de inspiração renovada, quando se completa o ciclo histórico da fase harmônica, sem que se busque a solução dissolvente da atonalidade.

O conjunto "Ars Nova", ora trazido ao Rio, para realizar três concertos, reúne jovens de notável idealismo. Uma só voz feminina, a de Maria José de Carvalho, que integrou, por exemplo, o grupo de cantores na execução de Motetos do século XIII, e fez comentários elucidativos sobre as peças do programa. E um grupo de rapazes: Alfredo Alves, Carlos Augusto de Araújo Brito, Egon Lementy, Hamílcar Ribeiro Marquês, Diogo Pacheco. E, este último, executante de flauta reta, acompanhando o conjunto em um dos trechos iniciais do programa: na "Cláusula", melodia composta sobre passagem melismática do canto gregoriano.

Das mais fascinantes, na evolução histórica da música, são as transformações que, do gregoriano, vão conduzir-nos à plenitude da linguagem polifônica. A esse títu-

lo, merecem tanto esses cantores ostentar o título de "Ars Nova", que foi, como se sabe, o de um famoso Tratado, já no século XIV, de Philippe de Vitry, como o de "Ars Antiqua", cujos exemplos se sucederam, também, no concerto, muito significativos. Emerge diretamente do cantochão a prática dos "Organa", via-de-regra por movimento paralelo de quartas, quintas e oitavas, com a voz do baixo, denominada "tenor", provinda do repertório gregoriano, e sustentando uma voz superior, "organal", que logo, a partir do século XII, se iria ornamentar, de mais e mais. Não poucas amostras de "Organum" nos assustam hoje pela sua rudeza. Nem tanto a que nos trouxe o conjunto que ouvimos no Ministério da Educação. Ao "Organum" seguiram-se "Motetos", onde, a linhas melódicas superpostas, correspondem textos diferentes, e de sentido dispar: uma, louvando a virtude de um cavaleiro; outra, de galanteio a uma pastora; outra, contendo reflexões morais e satíricas — tôdas bem entendido, ao mesmo tempo, paralelas, simultâneas. Há aí, para nossos ouvidos, dissonâncias fortes, saborosas, onde um compositor moderno poderia inspirar-se, para empregar-las como admirável condimento.

Ainda ao âmbito da "Ars Antiqua" pertencem os "Rondeaux" de Adam de la Hale, o corcunda de Arras, que o grupo paulista nos ofertou. A complexidade relativa do Moteto mediéval, entretanto dá lugar ao nascimento da notação mensurada, que faz imprimir grande impulso à criação polifônica: é a "Ars Nova". E que belas páginas, extraídas do "Cancioneiro de Upsala" (1556) ouvimos então! Cinco vozes independentes circularam no espaço, e uma das peças, principalmente, sobressaiu, pela vivacidade e graça rítmica.

O ápice da audição veio no fim, com o imponente "Kyrie", regido por Diogo Pacheco, da Missa a seis vozes, de Guillaume de Machaut, composta para a coroação de Carlos V, e cujo efeito certamente acresceria, por um côro grande. Que robustez de acentos nos oferece essa obra! Essa e outras páginas me fazem pensar, sem paradoxo, no gênio de Strawinsky, em cuja "Sinfonia dos Salmos" ele sabe restituir-nos a essência de uma fé cristã primitiva e integral.

EURICO NOGUEIRA FRANÇA